

**UMA PROPOSTA PARA O ENSINO DA TRANSITIVIDADE NUMA PERSPECTIVA
SINTÁTICO-SEMÂNTICA E DISCURSIVA**

***A PROPOSAL FOR THE TEACHING OF TRANSITIVITY IN A SYNTHETIC-
SEMANTIC AND DISCURSIVE PERSPECTIVE***

Fabiana Pinto Moreira¹

Resumo: Neste artigo, buscamos desenvolver propostas didáticas sobre o ensino da transitividade que possam subsidiar a prática reflexiva dos professores nas aulas de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental. Para isso, discutimos a respeito do tratamento que é dado ao fenômeno da transitividade na tradição gramatical e em alguns estudos linguísticos (NEVES, 2007). Por fim, apresentamos atividades que seguem o viés sintático-semântico e discursivo que acreditamos ser indispensável para o ensino da transitividade na Educação Básica.

Palavras-chave: sintaxe, transitividade, português brasileiro.

Abstract: In this article, we seek to develop didactic proposals on the teaching of transitivity that can subsidize the reflective practice of teachers in Portuguese Language classes in Elementary School. For this, we discuss about the treatment that is given to the phenomenon of transitivity in the grammatical tradition and in some linguistic studies (NEVES, 2007). Finally, we present activities that follow the syntactic-semantic and discursive bias that we believe to be indispensable for the teaching of transitivity in Basic Education.

Keywords: syntax, transitivity, Brazilian Portuguese

1. Introdução²

O presente artigo consiste em apresentar considerações e propostas que possam subsidiar a prática reflexiva dos professores, a fim de que possam enfrentar os problemas com os quais se deparam no ensino do fenômeno da transitividade nas aulas de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental.

Esse tópico gramatical necessita de atenção e de um refinamento metodológico, uma vez que, apesar do tratamento linguístico dispensado ao tema,

¹ Mestre em Letras pelo Programa de Mestrado Profissional em Letras. Pesquisadora do Grupo de Estudos Variacionistas (GEVAR), da UFTM, Diretório CNPq.

² Agência de Fomento: CAPES.

os manuais didáticos, no uso concretizado pelos professores, ainda não encontraram uma forma de tornar seu ensino mais claro e eficaz para que os alunos o cristalizem e de fato o apreendam. Tornando o aprendizado dispendioso e como muitos outros tópicos gramaticais superficiais.

Para que isso deixe de acontecer e as aulas de Língua Portuguesa se tornem mais produtivas e garantam a ampliação da competência comunicativa dos alunos, os PCN orientam que os professores devem promover atividades didáticas que possibilitem a reflexão sobre as práticas da linguagem enquanto práticas sociais e discursivas, estas ancoradas na leitura e interpretação textual.

Com isso, acreditamos que o ensino da transitividade deve se basear na relação entre o significado dos verbos e sua valência e a possível influência que essa alternância de sentido pode ter na alternância da sua transitividade, fazendo com que os alunos possam refletir e compreender que esse fenômeno se manifesta a partir de fatores sintáticos, semânticos e discursivos.

Desse modo vamos, no presente artigo, tecer algumas considerações a respeito do tratamento que é dado ao fenômeno da transitividade na tradição gramatical, apresentando algumas definições abordadas a respeito do tema. Em seguida, apresentaremos o escopo teórico das valências verbais, por acreditarmos que a gramática de valências contribui para que o ensino do tópico gramatical da transitividade seja mais significativo e relevante nas aulas de Língua Portuguesa, também serão apresentadas considerações sobre o ensino, de como vem sendo trabalhado os tópicos gramaticais nas aulas de Língua Portuguesa e faremos considerações a respeito da perspectiva linguística para um ensino mais produtivo. Na sequência, apresentaremos atividades que seguem o viés sintático-semântico e discursivo que acreditamos ser indispensável para o ensino da transitividade a fim de que se torne mais relevante a partir da reflexão da prática da língua em uso. Por fim, teceremos as considerações finais a respeito das atividades e a respeito do trabalho desenvolvido neste artigo.

2. Transitividade e tradição gramatical

A respeito do que diz a tradição gramatical sobre a transitividade, iniciamos apresentando a abordagem de Cunha e Cintra que definem a transitividade em dois pólos.

Cunha e Cintra (2008) consideram que aqueles verbos que exigem termos para completar-lhes o significado são os transitivos e aqueles cuja ação não vai além de si são os chamados intransitivos.

Já Rocha Lima, em sua Gramática Normativa, realiza uma classificação dos verbos baseando-se na natureza dos complementos por ele exigidos, estabelecendo entre o verbo e o seu complemento uma “expressão semântica”. De acordo com Rocha Lima (2007, p.340) os verbos Intransitivos são aqueles que dispensam quaisquer complementações e encerram em si a noção predicativa e os Transitivos são aqueles que exigem a presença de complementos preposicional ou não. O gramático apresenta uma classificação geral dos verbos quanto à predicação, sempre relacionando sintaticamente o verbo com o seu complemento, e apresenta o verbo transitivo relativo, o transitivo circunstancial, o bitransitivo, o transobjetivo e o verbo de ligação.

Rocha Lima alerta que:

O caráter de cada qual destes tipos se denuncia na frase. Verbos normalmente intransitivos podem empregar-se transitivamente, e vice-versa, de acordo com o sentido especial de determinadas frases. Exemplo: Quem ouve, é surdo (ouvir-intransitivo). Ouvei um ruído (ouvir- transitivo direto).(ROCHA LIMA, 2007, p. 542)

É possível verificar que Rocha Lima considera o caráter sintático-semântico do fenômeno da transitividade. Além disso, assim como Cunha e Cintra, prevê que os verbos podem alterar a sua transitividade e não podem ser analisados no que se refere à transitividade de maneira isolada, há que se considerar a situação discursiva. Portanto não há que se falar em comportamentos estanques e definidos do verbo, uma vez que a tradição gramatical reforça a necessidade de não rotular o verbo sem antes atentar-se para o sentido do contexto.

Para Bechara (2009), os verbos transitivos são aqueles que necessitam de uma delimitação semântica, os chamados argumentos ou complementos verbais. Os verbos intransitivos são os de predicado simples, que não necessitam dessa delimitação semântica, são os verbos cujo significado lexical não é preenchido por

outros signos lexicais. Nessa perspectiva semântica de transitividade, Bechara admite “que a oposição entre transitivo e intransitivo não é absoluta, e mais pertence ao léxico do que a gramática” (p.415).

As normas gramaticais analisadas esbarram no problema de definição apontado por Azeredo (2007, p. 75) que afirma que “a oposição transitivo/intransitivo tem sido tratada como uma diferença de modos de significação do conteúdo léxico do verbo” o que reitera as definições até então apresentadas, mesmo considerando a alternância da transitividade de um mesmo verbo.

O que gera controvérsias e equívocos na transposição didática do tópico seria a uma definição pautada em critérios nocionais, como adverte Azeredo (2007), estabelecendo que uma distinção de transitividade baseada na presença ou ausência de complementos “deixa de ser sintática e paradigmática como propriedade intrínseca do verbo e passa a ser sintática e sintagmática – conforme o emprego do verbo na frase.”

Com isso, ainda segundo Azeredo (2007, p.75) a distinção de transitividade passa a ser “mecânica e semanticamente irrelevante.” Uma vez que não são considerados os valores semânticos que os participantes do processo verbal desempenham no contexto.

O que acontece nas aulas destinadas ao ensino de transitividade, é a superficialidade da identificação e da subcategorização dos verbos em transitivos/intransitivos, baseando-se apenas na ausência ou presença de complementação.

Em relação ao ensino do fenômeno da transitividade, constatamos com a prática docente, que não são adotados critérios sintático-semânticos e discursivos no momento da análise da transitividade, que vem sendo tratada de forma mecânica e irrelevante, visto que as atividades que são propostas para o ensino do tópico se concentram em identificar os verbos em um determinado texto e classificá-los quanto a sua predicação apenas, sem promover uma reflexão sobre o fenômeno.

Passemos agora para os avanços das pesquisas linguísticas em relação ao tópico, com atenção ao que se refere à valência verbal, para que possamos buscar um subsídio mais consistente que favoreça o estudo da transitividade nas aulas de Língua Portuguesa.

3. Transitividade, Valência e Discurso

Os estudos linguísticos contemporâneos trazem muitas contribuições para o ensino da transitividade, principalmente, no que se refere à relação dos participantes do processo de predicação e do papel central do verbo nesse processo.

Em busca de subsídios coerentes para tornar o ensino do tópico gramatical em discussão neste trabalho, esta seção se dedica às considerações do escopo teórico da linguística a respeito da transitividade sob uma perspectiva da gramática de valências, além das contribuições da linguística acerca das relações sintático-semântica e discursiva que envolvem o fenômeno da transitividade.

A transitividade, segundo Miotto; Silva e Lopes (2004, p.59), é “responsável pela organização semântica no nível frasal”. Esse processo envolve sintática e semanticamente seus participantes, em relação à seleção dos elementos que irão compor a estrutura da frase.

Miotto; Silva e Lopes (2004) ainda advertem que é necessário considerar as relações entre o verbo (predicador) e os participantes do processo de predicação (argumentos). Tal fato significa privilegiar a valência verbal, as relações sintático-semânticas entre o predicador, os argumentos e os resultados decorrentes dessas relações.

Quanto às observações de Miotto; Silva e Lopes, Neves (2007, p.40) esclarece que as relações sintático-semânticas estabelecidas na predicação devem ser estipuladas pela estrutura do esquema de predicação e acrescenta que dentro do sistema de organização da estrutura argumental deve ser levado em consideração o contexto discursivo e situacional:

O fenômeno é primariamente sintático (ligado especialmente à noção da obrigatoriedade de determinados termos para preencher a valência de determinados verbos) que envolve a semântica (já que há restrições semânticas nesse preenchimento) e a pragmática (já que a realização efetiva do sistema de transitividade resulta de necessidades e intenções comunicativas). (NEVES, 2007, p.40)

Nesse sentido, acreditamos que a gramática de valências deve ser estudada a fim de subsidiar o trabalho do professor no que se refere ao trabalho com a predicação.

Segundo Bagno (2012), em sua Gramática Pedagógica, o verbo possui propriedades funcionais. Ao aprendermos sobre essa classe de palavras, vários aspectos devem ser considerados, tais como o tempo, o modo, o aspecto e a sua valência.

Parafrazeando Ilari e Basso (2008), Bagno (2012, p.314) afirma que “o verbo comporta espaços passíveis de serem preenchidos por sintagmas nominais, gerando sentenças completas.” O significado do verbo que vai determinar o número e o tipo desses espaços.

A teoria de valências foi concebida pelo linguista francês Tesnière (1893-1954). Tal teoria concebe o verbo como centro da predicação. Para ilustrar a ideia de Tesnière, Bagno (2012) explica que:

O verbo é um pequeno sol em torno do qual se alinham todos os demais planetas da predicação, ou seja, da sintaxe, sobre os quais o verbo projeta a luz, de acordo com a necessidade: o sujeito, o tipo de sujeito e as características semânticas do sujeito(por exemplo: [+animado], [+humano], [+agente] etc); os complementos e os tipos de complementos (direto, indireto, oblíquo ou nenhum complemento); os adjuntos de todo tipo; toda as relações de concordância que implicam flexão morfológica etc. (BAGNO, 2012, p. 314)

Dessa forma, Bagno explica a teoria de valências, colocando o verbo como núcleo da hierarquia gramatical e desencadeador do processo de predicação, sendo o responsável por selecionar os demais participantes do processo enunciativo.

Os elementos selecionados pelo verbo para participarem da predicação por meio da valência (o poder de selecionar elementos para o enunciado verbal) são chamados de argumentos. Ao contrário da gramática tradicional, na valência verbal, o sujeito funciona como argumento externo do verbo.

É a partir da quantidade de argumentos que o verbo atrai para si, que podemos determinar sua valência. Um verbo pode ser: Monovalente, bivalente, trivalente ou tetravalente.

Segundo Bagno (2012) analisar o verbo a partir da sua valência nos permite ampliar as possibilidades de compreensão do funcionalismo dessa classe enquanto uso no sistema linguístico e suscita uma apreensão mais eficaz de sua semântica que só é possível admitindo a função do sujeito enquanto argumento externo do verbo. Assim, o verbo exige do sujeito, enquanto argumento externo e dos complementos, enquanto argumentos internos, traços semânticos distintos.

A partir do entendimento do poder de atração dos verbos e de sua força na hierarquia gramatical, podemos estabelecer critérios que realmente tornem o ensino da transitividade de fato mais relevante e significativo. Uma vez que, não basta definir a transitividade do verbo e a quantidade de complementos, mas qual a natureza semântica dos participantes do processo de predicação verbal que são acionados pelo verbo, assim como o efeito de sentido que tal processo acarreta para a situação discursiva.

Nesse sentido, Perini (2008) alerta que não basta determinarmos a quantidade de argumentos que um verbo possui numa construção, mas que é essencial, conhecermos a valência dos verbos para compreendermos a intenção comunicativa da construção, apreendendo dessa forma seu sentido global, ou seja, precisamos compreender em quais construções o verbo pode ou não aparecer.

Dessa forma, Perini (2008) concebe o processo de predicação como um conjunto do verbo com os sintagmas nominais que são exigidos ou não, como seus argumentos. O verbo é o elemento nuclear e responsável pelo processo, mas não é rotulado como sendo transitivo/intransitivo. Nesse caso, “a valência de um verbo é o conjunto de construções em que ele pode ocorrer.” (PERINI,2008, p.236).

Portanto, Perini fala de construção ou diátese transitiva, ergativa e intransitiva, a partir da ocorrência nessas construções é que os verbos são classificados.

As diáteses em Perini (2008) são definidas não só pela posição e pela quantidade de sintagmas nominais (SN) que se relacionam ao verbo, mas também é levada em consideração a relação semântica entre o verbo e seus argumentos. Essa relação semântica recebe o nome de papel temático, que são “o ingrediente principal na distinção semântica entre as diversas construções da língua” (Perini, 2008, p.185).

Uma construção transitiva seria formada por Sujeito (Agente) + V + SN (Paciente), a Ergativa teria a seguinte estrutura: Sujeito (Paciente) +V, e a Intransitiva seria formada pela conjugação entre Sujeito (Agente)+V.

Como exemplo das três construções, encontramos em Perini (2008):

- (1) Antônio comeu Pizza
- (2) O gato cegou
- (3) O gato fugiu

O conhecimento das valências verbais sob a perspectiva abordada por Perini (2008) é de suma importância, pois segundo o próprio autor salienta, além de conhecer as construções em que a predicação se realiza, quando aprendemos sobre categorias verbais, há uma série de conhecimentos que precisam ser acionados e o que acontece com o ensino do tópico gramatical em questão (transitividade) é que não são feitas associações entre as representações semânticas e as estruturas formais para que haja uma compreensão efetiva do funcionamento da língua.

Nas discussões, acerca das relações entre o significado do verbo e sua valência, Perini (2008) admite que uma análise nesse nível pode reduzir as diáteses verbais, mesmo reconhecendo que ao estabelecer a valência de verbos homônimos, há a necessidade de definirmos suas diáteses e descrever as conexões entre elas e a partir disso, descrever as acepções semânticas que os verbos apresentam, que podem ser distintas ou não.

Assim, mesmo que a diferença de significado não faça parte da explicitação da sua valência, acreditamos essencial para o ensino da transitividade, estabelecer um paralelo entre as diáteses e os significados dos verbos, uma vez que isso pode acarretar uma reflexão sobre a variação semântica e suas motivações estruturais, visto que Perini (2008, p. 252) ressalta “que a estrutura de papéis temáticos associada a um verbo é derivável desse verbo”.

Com isso, Perini conclui que

Dar a valência de um verbo é expressar aspectos selecionados de seu comportamento sintático e semântico, não exprimir sua sintaxe e sua semântica na totalidade. No que diz respeito a semântica, as construções expressam a parte do significado vinculada à estrutura. (PERINI, 2008, p.288)

Fica claro a importância de se estabelecer que a transitividade não é apenas um critério sintático de análise linguística, mas que envolve as relações semânticas de todos os participantes da predicação selecionada pelo verbo como elemento central.

Buscando relacionar a teoria das valências verbais com o significado do verbo é que se insere a proposta de tornar a prática de ensino mais significativa de forma que propicie uma reflexão acerca dos fenômenos linguísticos.

A partir das contribuições linguísticas até o momento explicitadas, abordaremos como pode ser efetivado o ensino do tópico gramatical de modo mais condizente com a proposta que será apresentada, centrada na prática reflexiva.

4. Considerações acerca do ensino

Muitas são as discussões que envolvem o ensino de Língua Portuguesa na escola. Em relação a essas discussões, os PCN preconizam que em uma prática baseada na reflexão sobre a língua, a gramática deve ser concebida como “relativa ao conhecimento que o falante tem da sua linguagem.”

Nessa perspectiva, o ensino de Língua Portuguesa deve ser uma prática discursiva, na qual o texto é a unidade de ensino e o aluno é suscitado a analisar e refletir acerca dos múltiplos aspectos que permeiam a linguagem. Para que de maneira progressiva possa ampliar sua competência discursiva.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais, para que haja a ampliação da competência discursiva do aluno, o professor deve mobilizar alguns recursos metodológicos em relação ao trabalho com o ensino de Língua Portuguesa:

Deve se ter em mente que tal ampliação não pode ficar reduzida apenas ao trabalho sistemático com a matéria gramatical. Aprender a pensar e falar sobre a própria linguagem, realizar uma atividade de natureza reflexiva, uma atividade de análise linguística supõe o planejamento de situações didáticas que possibilitem a reflexão não apenas sobre os diferentes recursos expressivos utilizados pelo autor, mas também sobre a forma.(BRASIL,1998, p.27)

É nesse sentido que se situam as atividades epilinguísticas, que mobilizam uma reflexão sobre a língua e sua imanência social e interativa.

Para Antunes (2007), não se deve confundir o ensino de nomenclaturas gramaticais com o ensino de regras gramaticais na escola, uma vez que

“as nomenclaturas gramaticais, que como o próprio nome indica, dizem respeito aos nomes que as unidades de gramática têm. Esses nomes não asseguram que alguém vá falar ou escrever melhor e não representam o ensino de gramática como muitos acreditam.” (ANTUNES, 2007,p.78).

O conhecimento acerca da nomenclatura gramatical, embora faça parte do conhecimento enciclopédico, não pode se tornar sinônimo de regra gramatical, ensino de Língua Portuguesa, nem um fim em si mesmo.

Quanto às regras gramaticais, Antunes (2007) esclarece que as línguas são um sistema complexo, por isso são dotadas de constituintes que regulam a situação de interação de seus usuários. É por meio dessa regulação, que um artigo vem sempre antes de um substantivo, por exemplo. São esses componentes reguladores do sistema complexo que é a língua que formam as regras gramaticais, que por sua vez são comandadas por pessoas, os usuários da língua, que tornam essas regras ajustáveis à situação comunicativa.

É no sentido de refletir sobre o funcionamento da língua por meio de atividades que favoreçam a epilinguagem no ensino de tópicos gramaticais como a transitividade, que se insere o presente artigo, posto que, saber que um verbo é transitivo/intransitivo não configura uma análise reflexiva sobre o processo de predicação, apenas permite ao aluno subcategorizar uma classe gramatical por meio de critérios muito vagos, muitas vezes apenas sintáticos, o que não fomenta a ampliação da competência discursiva do aluno.

A respeito do ensino de tópicos gramaticais, também Barbosa (2009) nos orienta quanto à busca dos três saberes que precisam ser considerados no ensino de Língua Portuguesa para que se obtenha êxito no desenvolvimento de habilidades linguísticas.

Os três saberes gramaticais, segundo Barbosa (2009) devem ser abordados quando se pretende abordar algum tópico gramatical. Devemos, no tocante da abordagem linguística, questionar o que dizem os falantes, a tradição gramatical e as pesquisas linguísticas a fim de ampliarmos as possibilidades de ocorrência do fenômeno e considerarmos a língua em uso.

Dessa forma, o professor passa a ser um pesquisador do fenômeno a ser abordado, compreendendo os seus usos, lançando mão de estratégias que possibilitem um aprendizado significativo do tópico estudado e não apenas um mero repetidor dos manuais didáticos.

No processo de transposição didática, a transitividade passa por um processo de simplificação e de perda de significado, ou seja, diante das constatações linguísticas acerca do fenômeno, tanto no que diz respeito às contribuições dadas pela tradição gramatical, quanto pela linguística, ao transpor o tópico da transitividade para os alunos do Ensino Fundamental, não se foram consideradas, sobretudo, as relações semânticas estabelecidas entre os actantes, participantes do processo de predicação (Gurpilhares, 2003). O que com certeza prejudica a análise reflexiva e torna o aprendizado superficial.

5. Proposta de atividades

Pensando na relação semântica entre os participantes do processo de predicação, os actantes (Gurpilhares, 2003) e a respeito da valência verbal que estabelece que o verbo é o centro desse processo. Assim como nos três saberes gramaticais (Barbosa, 2009), foram elaboradas atividades que consistem em propor o ensino da transitividade com base na relação entre o significado dos verbos e sua valência, fazendo com que os alunos reflitam e compreendam que a predicação se manifesta a partir de fatores sintáticos, semânticos e discursivos.

As atividades são uma proposta de refletir sobre o funcionamento da língua no contexto discursivo, considerando o processo de predicação e a alternância da transitividade que ocorre a partir desse contexto, baseando-se nas teorias linguísticas apontadas no decorrer do trabalho.

As atividades foram elaboradas pensando nos alunos do sétimo e oitavo ano do Ensino Fundamental, levando em consideração tanto as considerações da tradição gramatical, o conhecimento dos falantes e os conhecimentos linguísticos.

Primeiramente iremos apresentar as atividades, para depois comentar o objetivo que se pretende alcançar com a proposta.

Para a elaboração das atividades, nos baseamos em dois textos, portanto elas estão separadas em dois blocos. Temos atividades relacionadas ao Texto I e ao Texto II.

Separamos as atividades em dois blocos para ficar estabelecido, conforme orientam os PCN, o texto como unidade de ensino e para salientar a nossa proposta de construção do aprendizado do tópico gramatical da transitividade a partir da relação sintático-semântica entre os participantes do processo de predicação, além de favorecer a reflexão do aluno acerca da influência do contexto no processo, enfatizando a relação discursiva adotada nos objetivos de construção das atividades.

Acreditamos, dessa maneira, ter contemplado os objetivos da proposta, que visa, sobretudo, à capacidade do usuário de fazer inferências sobre a língua. Avaliando seu conhecimento implícito da linguagem.

5.1 Atividades

Leia os textos e responda às questões propostas em seguida.

Texto I

A Revista Veja publicou: Passarinheiros na berlinda

Postado em 04/09/2007

O Ibama demorou, mas resolveu pôr ordem na casa dos criadores de passarinhos do Brasil. O instituto desconfiou do crescimento assombroso de criadores no país, que saltou de 8.000 em 2005 para quase 40.000 até agosto deste ano. A suspeita era que esse aumento estaria encobrindo traficantes de pássaros silvestres. Agora, o Ibama acaba de baixar uma norma proibindo a inscrição de novos criadores. Quer, primeiro, recadastrar todos eles. (Revista Veja, 05 set. 2007, pág. 49)

<http://veja.abril.com.br/050907/radar.shtml>

Fonte: <http://www.projetogap.org.br/noticia/a-revista-veja-publicou-passarinheiros-na-berlinda/>

1. O que é possível compreender com a afirmação de que o Ibama resolveu pôr ordem na casa dos criadores de passarinhos do Brasil?

2. Diante da situação noticiada, por que a notícia recebeu como título a seguinte expressão: “ Passarinheiros na berlinda” ?

3. Observe a seguinte construção destacada do texto:

O instituto desconfiou do crescimento assombroso de criadores no país

Se a construção fosse reformulada e retirássemos da sentença as seguintes partes: “**do crescimento assombroso de criadores no país**” isso causaria algum prejuízo para o entendimento do trecho? Por quê?

4. Observe a construção retirada do texto, com atenção para o verbo demorar:

O Ibama demorou, mas resolveu pôr ordem na casa dos criadores de passarinhos do Brasil.

a) O verbo demorar, na situação descrita, necessita de termos que auxiliem o preenchimento de sentido?

b) Elabore um enunciado que apresente a forma verbal demorar. O que foi possível constatar com a construção elaborada em relação à necessidade de complementação de sentido?

Texto II Trecho da música Quando a chuva passar (Ivete Sangalo)

Só quero te lembrar

De quando a gente andava nas estrelas

*Nas horas lindas que **passamos** juntos*

A gente só queria amar e amar e hoje eu tenho certeza

A nossa história não termina agora

Pois essa tempestade um dia vai acabar

*Quando a chuva **passar***

*Quando o tempo **abrir***

***Abra** a janela e veja eu sou o sol*

Eu sou céu e mar

Eu sou seu e fim

E o meu amor é imensidão

Fonte: <https://www.vagalume.com.br/ivete-sangalo/quando-a-chuva-passar.html>

1. A letra da canção transmite uma mensagem de esperança ou descrença em relação à reconstrução de um amor estremecido? Justifique sua resposta, com trechos da música.

2. Veja as duas ocorrências do verbo abrir. Ambas são semelhantes quanto à forma, qual é a diferença de significado entre elas?

3. A diferença de significado entre as formas do verbo abrir influencia na sua transitividade? Explique.

4. O verbo passar também aparece duas vezes, com acepções distintas na canção. Apresente, com suas palavras, o valor semântico de cada ocorrência desses verbos.

5. O que você percebeu em relação ao verbo passar, vai haver alternância na transitividade de acordo com o significado das duas ocorrências apresentadas na canção, ou seja, para cada significado há uma necessidade de complementação do sentido verbal? Explique.

6. A partir da resolução das questões feitas até aqui, o que é possível concluir a respeito da influência que o valor semântico do verbo exerce sobre a definição da sua transitividade?

5.2 Análises das atividades

A proposta se vale em transpor a teoria linguística para a sala de aula sem tornar o aprendizado superficial e demasiado simplificado, fazendo com que o aluno de fato reflita sobre o fenômeno linguístico em seu uso concreto.

Por meio da análise do escopo teórico apresentado, acreditamos que o fenômeno da transitividade pode ser tratado de forma mais significativa em sala de aula se levado em consideração as relações estabelecidas entre os participantes do processo de predicação.

Valendo-se da primazia da centralidade do verbo nesse processo, a proposta visa estabelecer um diálogo entre o significado do verbo e sua valência.

Tivemos a preocupação em contextualizar o tema dos textos adotados antes de entrarmos no estudo do tópico gramatical propriamente dito (a transitividade).

Desse modo o aluno faz sua interpretação do texto e compreende seu sentido global, o que favorece a compreensão do tópico gramatical estudado, numa perspectiva discursiva.

Na atividade número 03, do texto 1, esperamos que o aluno compreenda a relação sintático-semântica entre o verbo e o complemento verbal, sem entrarmos em questões de nomenclatura gramatical.

Em seguida, na atividade número 04, esperamos que o aluno seja capaz de estabelecer uma relação entre os verbos demorar e resolver e o contexto discursivo, através de uma análise lógico-discursiva feita pelo próprio aluno acerca do funcionamento da língua.

Nas atividades do primeiro texto, os verbos não foram subclassificados em transitivos/intransitivos, esperamos que os alunos construam suas próprias interpretações do fenômeno linguístico a partir da mediação do professor. O que importa nesse primeiro momento é que o aluno consiga estabelecer a relação semântica entre o verbo e seus actantes, assim como perceber que o contexto favorece essa relação.

No segundo bloco de atividades, iniciamos contextualizando o tema do texto base das atividades, de modo que o aluno possa compreender o sentido global.

A proposta das atividades do segundo bloco é que o aluno reflita sobre os diferentes usos de um mesmo verbo, além de possibilitar que o aluno construa uma correlação entre o sentido e a valência do verbo em uso.

Com as atividades os alunos podem verificar que os verbos podem alternar de transitividade a depender do contexto e da valência, de acordo com a relação semântica que estabelece com os participantes da predicação.

Optamos por não nomear os papéis temáticos na atividade proposta, uma vez que a preocupação inicial é com a percepção da relação estabelecida. A partir da compreensão de que há essa relação semântica, pode-se mediar a construção do aprendizado acerca dos papéis temáticos, princípio básico da relação semântica entre os participantes do processo de predicação preconizado pela gramática de valências (Perini, 2008)

Acreditamos que a partir das atividades propostas, é possível abordar a relação sintático-semântica e discursiva que o fenômeno da transitividade

estabelece, propiciando uma mediação que favoreça a reflexão acerca do uso concreto da língua.

Vale ressaltar que a sequência apresentada permite que o professor introduza uma prática reflexiva em relação ao funcionamento da língua, o que vai possibilitar a discussão com os alunos acerca da função exercida pelos participantes da predicação na construção da transitividade verbal, tornando dessa maneira, o ensino desse tópico gramatical mais relevante e significativo, podendo a partir de então, introduzir outros tópicos, como o ensino dos complementos e adjuntos. Tópicos que não nos ocupamos em detalhar neste trabalho.

6. Considerações Finais

Buscamos através das atividades apresentadas, construir uma proposta de ensino de um tópico gramatical de maneira que garanta uma reflexão sobre o funcionamento da língua e torne o aprendizado mais significativo.

Por meio da investigação do tratamento dado ao fenômeno da transitividade pela tradição gramatical, percebemos que há um equívoco na transposição para o ensino, do tópico gramatical em questão.

Esse equívoco pode ser percebido, uma vez que, apesar de alguns dos compêndios gramaticais analisados ainda considerarem a polarização dos verbos em transitivos/intransitivos, todas as gramáticas, fornecem orientações a respeito do fenômeno linguístico a relação semântica entre os participantes do processo de predicação e consideram a alternância da transitividade relacionada ao contexto discursivo.

Ao didatizar um conteúdo é preciso cautela para não simplificá-lo tanto, de forma a omitir fatos essenciais para a sua compreensão, principalmente em se tratando das práticas da linguagem.

As contribuições da linguística, não chegam à sala de aula, as práticas de ensino tornam o aprendizado de tópicos gramaticais superficiais e irrelevantes, pois na maioria das vezes apenas um dos saberes gramaticais é considerado (Barbosa, 2009), aquele referente à tradição gramatical, é muitas vezes interpretado como sinônimo de padrão linguístico a ser seguido, mal interpretado e na maioria das vezes não condiz com a realidade linguística do fenômeno estudado, não sendo

permitida as diversas possibilidades de realizações linguísticas que permeiam as complexas relações das práticas da linguagem.

O fenômeno da transitividade é tratado pela tradição gramatical com correspondência em relação à teoria linguística, uma vez que já naquela se considera a relação sintático-semântica entre os participantes do processo de predicação e a possibilidade de alternância de transitividade a partir do contexto. Porém, a gramática de valências amplia as possibilidades de análises reflexivas sobre o processo de predicação ao inserir o verbo no centro do processo e o sujeito como argumento externo do verbo.

Também as relações semânticas são definidas com mais clareza a partir da gramática de valências e as construções passam a ser consideradas transitiva/intransitivas ou ergativas (PERINI, 2008), quando se pensa no esquema de predicação para que se possa subcategorizar o verbo que é o centro do poder na hierarquia gramatical.

Adotando uma posição mais científica, é possível que os equívocos quanto à polarização de transitividade em critérios ora sintáticos, ora semânticos possam ser eliminados das salas de aula, de modo que esse fenômeno possa ser estudado de forma mais reflexiva e os alunos possam construir um aprendizado mais significativo a partir da percepção das relações sintático-semânticas e discursivas entre os actantes, como foi possível verificar no decorrer do trabalho, estabelecem uma relação semântica e discursiva no processo de predicação.

Esperamos, com este trabalho, estabelecer uma reflexão acerca das práticas pedagógicas referentes ao ensino de Língua Materna, sobretudo, ao ensino da transitividade/predicação para que haja uma postura investigativa a respeito dos tópicos gramaticais que pretendemos ensinar e, assim, o ensino de Língua não se torne repetição de nomenclaturas, pura identificação de categorias gramaticais que não levam a nenhuma reflexão sobre o funcionamento da língua, nem garantem a ampliação da competência discursiva e comunicativa dos alunos.

7. Referências

ANTUNES, I. **Muito além da gramática**: por um ensino de línguas sem pedras no caminho. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

AZEREDO, J. C. **Iniciação a sintaxe do português**. 9 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

BAGNO, M. **Gramática pedagógica do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. 37 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

CUNHA, C; CINTRA. L.F.L. **Nova gramática do português contemporâneo**. 5 ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.

GURPILHARES, M.S.S. **A (In)transitividade dos verbos de movimento**. Taubate: Cabral Editora e Livraria Universitária, 2002.

MIOTO, Carlos; SILVA, Maria Cristina Figueiredo; LOPES, Ruth Elisabeth Vasconcellos. **Novo Manual de sintaxe**. Florianópolis: Insular, 2004. 280 p.

NEVES, M. H. M. **Texto e gramática**. 1 ed. São Paulo: Contexto, 2007.

PERINI, M. A. Estudos de gramática descritiva: as valências verbais. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

ROCHA LIMA, C. H. da. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 46 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2007.

PASSARINHEIROS NA BERLINDA. 2007. Disponível em:
<<http://www.projetogap.org.br/noticia/a-revista-veja-publicou-passarinheiros-na-berlinda/>>. Acesso em: 09 dez 2016.

SANGALO, I. **Quando a Chuva Passar**. 2016. Disponível em:
<<https://www.vagalume.com.br/ivete-sangalo/quando-a-chuva-passar.html>>. Acesso em: 08 dez. 2016.